

# Afonso Dlakhama, o peregrino

O líder da Renamo fez questão de ir a Fátima no último dia da sua estada em Portugal. Poderia parecer um *show-off* político, mas não era. Afonso Dlakhama ainda desconhece a nossa política-espectáculo.

Afonso Dlakhama é um homem silencioso. Quase tímido. Sem o *show-off* que seria de esperar de um político, deslocou-se a Fátima na sexta-feira, o último dia da sua visita ao nosso país. A comitiva que o acompanhava era extremamente reduzida e as palavras parcas. O padre António Oliveira, que o acompanhou mostrou-se sinceramente surpreso por não se tratar de «uma raposa

velha como Savimbi», mas de um «verdadeiro crente». Tanto mais que a religião católica não parece ser a religião maioritária na Renamo (onde os credos evangelistas, protestantes e mahometanos têm grande aceitação), mas tão-somente a religião individual do líder, ele mesmo ex-seminarista.

A missa pela paz foi nessa ocasião particularmente dedicada a Moçambique e o

pregador não esqueceu, à boa tradição politizada da igreja portuguesa, de associar o marxismo a Satã: Nossa Senhora de Fátima, anunciadora da queda do comunismo na Rússia, seria (será, foi?) também anunciadora da queda da satânica doutrina nos subúrbios africanos do império soviético. Nessa esperança oraram os fiéis.

Ao sair da missa, nas escadas do santuário Dlakhama balbuciou ao responder às perguntas de um jornalista arrogante. Não mostrou manhas de político. Esteve cá durante uma semana e não deu uma só entrevista.

Esquivou-se a todas. Quando permaneceu em Portugal pela primeira vez, no ano de 1982, ninguém deu por ele, apesar de já ser então o dirigente máximo da Renamo. Foi uma visita em pompa, semiclandestina, por assim dizer.

Agora, apesar dos encontros oficiais, continua a parecer um homem estranhamente acanhado. Sem o aparato de um chefe africano. Compará-lo com Savimbi é totalmente descabido de sentido. Enquanto o líder da UNITA não dá um passo sem um exército de gorilas, Afonso Dlakhama viajou

sem guarda própria e com apenas um destacamento de 3 ou 4 elementos da escola (à paisana) designada por Portugal e que se mantinham sempre a largos metros do líder. Em contrapartida é difícil imaginar Dlakhama a proferir um discurso. Não transparece nele o culto do poder, o gosto da liderança, o carisma imediato, nem o narcisismo leonino do líder da UNITA. De onde a inevitável interrogação acerca da sua aceitação e do seu poder sobre as bases. Mas é difícil avaliar o carisma de um líder em dia de peregrinação.